



A responsabilidade do educador na construção de uma sociedade responsável: da realização de si mesmo a atuação como função social - a contribuição da autenticação ontopsicológica

Ana Paula Coelho Tonolli¹

Subtema: Eu, jovem protagonista responsável. Percurso de formação pessoal e profissional em resposta às exigências do mundo contemporâneo.

Resumo

Na história de vida pessoal e profissional da educadora, houveram momentos em que esta encontrou-se completamente desconectada de seu projeto de natureza. De que maneira poderia ela encontrar-se e passar a fazer escolhas ótimas a fim de realizar seu escopo de vida? Como o estudo e a vivência da Ontopsicologia contribuíram para uma profissional encontrar o seu caminho de realização pessoal, e contribuir para a criação de uma sociedade responsável, produtiva e feliz.

Palavras-chave:

Pedagogia Ontopsicológica, Autoconhecimento, Projeto de Natureza.

1. Introdução

O ser humano é, por natureza, constituído para aprender, crescer e se realizar. Pois todos nascemos dotados de um projeto de natureza, que Antônio Meneghetti identificou, isolou e nomeou Em Si ôntico: “uma informação base que é o critério de sanidade e realização para cada individuação. Esse critério de natureza, quando seguido em sua originalidade, possibilita ao homem a evolução histórica de seu próprio potencial.” (Cultura & Educação: Uma nova pedagogia para a sociedade futura; p. 17).

Até que ponto, a nossa escola hoje, ajuda aos cidadãos a se conhecerem a fim de identificar qual é o seu projeto de natureza? Entende-se que somente fazendo *autóctise*² histórica chegamos à nossa plena realização. Para tanto, o homem necessita conhecer qual é o seu papel na sociedade para poder se preparar tecnicamente a fim de atender essa necessidade, atingindo assim seu objetivo existencial, levando em conta que “O escopo da pedagogia é realizar um adulto capaz de ser verdadeiro para si mesmo e funcional para a sociedade” (MENEGHETTI, 2014, p.211).

Enquanto vivemos distantes da realidade da vida e das coisas como elas são, agindo contra nosso projeto de natureza, sofremos uma crise de identidade e até de valores. Se não sei para onde vou, para que estudar tanto? De que me adianta despender tanto esforço e tempo, se tudo que faço não preenche este vazio interior e não me livra da frustração de viver sem propósito?

¹ Formada em Letras pela Universidade de Joinville - Univille. cursando MBA Identidade Empresarial - Business Intuition na Antônio Meneghetti Faculdade. Micro-empresária do ramo de Educação. Tradutora. Escritora de material didático de Língua Inglesa para o ensino médio. Professora de Inglês para negócios. apcoelhotonolli@gmail.com

² Do grego *αὐτὸς κτίσις* = posição ou constituição de si. Autoconstituição. Fazer *autóctise* histórica significa: saber ser fiéis artesãos da projeção em ato projetada pelo Em Si Ôntico. (Meneghetti, Dicionário de Ontopsicologia, p. 31)

Esta distância entre o projeto de natureza e o que o indivíduo realmente atua na sociedade, e o conseqüente sentimento de insatisfação é explicado por Meneghetti na relação diádica mãe-filho:

dessa interação corpórea mãe e filho se desencadeia também o processo de aprendizagem que tende a fixar as formas prioritárias de uma sociedade, portanto, perdida a continuidade, estrutura-se uma comunicação analógica, isto é, se constrói um código externo de referência comum para as próprias emoções. (Ontopsicologia Clínica, p. 156).

A reflexão acerca dos pontos acima explicitados resultou neste artigo que traz a trajetória de auto-conhecimento e de reciclagem profissional de uma jovem professora que trazia, por trás da fachada de uma mulher bem sucedida, uma menina que vivia em angústia existencial.

2. Desenvolvimento

Já na infância, sabia que seria professora. Em minhas brincadeiras, geralmente solitária, já atuava a maestra. Me recorro vividamente que sentia grande prazer em montar a sala de aula, trazer todos os livros para a mesa da frente, e lecionar, catedraticamente para alguns troncos de madeira que serviam de alunos atentos. Afinal de contas, as outras crianças queriam se ocupar de qualquer coisa, menos estar na “escola” durante o tempo livre.

Sempre me encantei com o ambiente escolar. A organização do espaço, o som dos passos da multidão de crianças chegando à sala de aula. O colorido do mapa-múndi aberto pela professora em frente ao quadro negro. Até mesmo odor que vinha da cozinha (sim, eu amava inclusive a merenda). Estes e outros tantos aspectos típicos de uma escola me eram atrativos. Me traziam alegria.

Aos 14 anos de idade tomo a decisão consciente de morar sozinha para poder dar continuidade aos estudos. Se eu optasse por seguir morando com minha família, isso seria muito difícil, senão impossível, devido à distância entre a casa de minha mãe, e a escola mais próxima.

Ficar sozinha desde tão jovem me trouxe muita liberdade. Segui meus estudos como habitual aluna exemplar. Sempre trabalhei para me sustentar e pagar pela minha educação. Com isso, aprendi diversos ofícios. Fui babá, atendente de supermercado, cozinheira em lanchonete, costureira, faxineira, vendedora, recepcionista, secretária, auxiliar administrativo.

Ser financeiramente independente desde minha adolescência não foi fácil, no entanto, devo admitir que como sempre tive protagonismo nos ambientes de trabalho, não passei por grandes dificuldades. A vida me ensinou desde cedo que o trabalho é o ponto mais importante, e eu sempre tive isso bem claro dentro de mim. Apesar deste aspecto não ser compreendido naquela época, mostra que eu já conhecia o valor do trabalho, e depois estudando a ciência ontopsicológica, reconheço que este é um ponto de força:

O Em Si Ôntico, quando emana suas pulsões, impulsiona em direção a algo que o sujeito já pode e deve tomar, porque ali existe a força majorativa de si mesmo, portanto, ele possui a capacidade de tornar-se mais daquele modo, naquela direção. (MENEGETTI, Os jovens e a ética ôntica, p. 45).

Imatura e cheia de si, concluo a faculdade. Vivi um momento de plenitude por ter conseguido tal fato. Fui a primeira pessoa em minha família a chegar ao ensino superior. Tinha um emprego que me proporcionava certo conforto. Me acomodei. Não estudei absolutamente nada por alguns anos. Passei a frequentar festas, beber, me desperdiçar com pessoas não funcionais a mim. Seguia levando o trabalho muito a sério. Porém de sexta a domingo, eu sequer dedicava algum tempo à leitura.

Aos 32 anos, chego ao extremo da frustração. Vivia em uma ambivalência de reconhecimento social e falência pessoal. Já havia atuado em algumas escolas da cidade. Era reconhecida pelo meu trabalho. Já colecionava alguns alunos particulares que no futuro iriam dar a base para meu negócio próprio, mas interiormente, eu me sentia vazia. Nada do que eu fizesse fazia sentido para mim. Até havia voltado a estudar inglês, mas era um viver mecânico, sem alegria real, sem realização.

Ao sofrer um acidente de carro, perdi alguns dos confortos habituais. Por exemplo, tive que voltar a tomar o ônibus para ir ao trabalho. E foi nesse momento que eu voltei a me sentir ‘viva’. De alguma forma, acredito que o período de privação da mobilidade me remeteu à minha difícil juventude, e me ajudou a lembrar quem eu realmente era.

Em pouco tempo busquei psicoterapia. A identificação com o processo foi tão forte, que logo no meu primeiro sonho após a entrevista inicial, eu vivo um momento de graça e plenitude que dura semanas.

Automaticamente meu trabalho passa a render mais. Ao passo que vou fazendo metanoia³ - “descobrir a si mesmo em base à identidade ôntica, ou seja, saber-se como é e não como se pensa” (MENEGETTI, 2014, p. 86), e me dando conta dos hábitos que me sabotavam, vou mudando meu estilo de vida: retomo os estudos, passo a fazer aulas de violino, me qualifico com a mais alta certificação internacional de proficiência em inglês, e participo de diversos cursos promovidos pela Associação Brasileira de Ontopsicologia.

Em Agosto de 2015, com 33 anos, inicio o MBA - Identidade Empresarial Business Intuition na Antônio Meneghetti Faculdade, onde me dou conta de que minhas aulas particulares, até então consideradas uma atividade para renda extra, são na verdade o meu projeto de vida, onde encontro realização pessoal e posso contribuir com a sociedade, ajudando as pessoas a serem mais responsáveis, felizes e com sucesso.

Desde então, deixo de lecionar somente pelo escopo financeiro e com o objetivo de fazer meus alunos memorizarem expressões na segunda língua, e passo a ter como premissa a Pedagogia Ontopsicológica quem tem como escopo prático “educar o sujeito a fazer e saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmos como pessoas líderes no mundo; educar um Eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras”. (MENEGETTI, 2014, p. 235).

³ Do grego: μετανοεῖν que significa “mudo a mente” (MENEGETTI, Dicionário de Ontopsicologia, p. 172)

3. Resultados

Atualmente, dirijo uma escola de idiomas que tem como missão “ensinar a língua inglesa como instrumento para exercício da autonomia e reforço de identidade⁴”. Meus alunos são, na grande maioria adultos que estudam inglês para se qualificarem profissionalmente.

Para poder proporcionar um efetivo exercício de reforço de identidade, faço uso do meu restrito conhecimento do campo semântico. Segundo a escola ontopsicológica, “o campo semântico é o conhecimento do modo de postura do existente: como se dá a modalidade de existência daquela individuação que interfere comigo.” (MENEGETTI, Campo semântico, p. 155).

Durante as nossas aulas, eu procuro sempre focar na pessoa que está em minha frente sem fazer alusão à memórias de aulas passadas. Observo as alterações orgânicas em mim para identificar como meu aluno se sente em relação ao tema que está sendo discutido em sala. Se há desconforto, mudo a didática da aula. Se ele fica satisfeito, sigo na mesma estratégia. Da mesma maneira, levo em consideração as imagens que tenho durante as aulas. Observei que certos símbolos que me vêm a mente, ou sensações que tenho enquanto o aluno fala, me permitem redirecionar as atividades propostas afim de melhor atender às necessidades do aluno.

Após um curso a respeito de imagens⁵, pude refletir acerca do impacto que símbolos aparentemente inofensivos podem ter em nosso inconsciente, pois “a imagem consente visualizar o interior de uma ação” (Meneghetti, 2012, p.34). Portanto passei a selecionar cuidadosamente as histórias, músicas, fotos, etc trabalhadas em sala de aula. Uso somente figuras que proporcionam prazer, ou seja, “harmonia com ressonância viscerotônica” (Meneghetti, 2012, p.2013).

Costumo dar protagonismo aos alunos que demonstram maior inteligência e não dou ouvidos aos que buscam assistencialismo ou estrelismo infantil. Procuro sempre provocá-los quanto a sua formação pessoal, a como estão se construindo enquanto pessoa, o que estão fazendo de bem para a sociedade da qual se beneficiam diariamente. Visto que “... A juventude de hoje se baseia excessivamente no “direito de” e não compreende a responsabilidade sobre o que dar à sociedade” (MENEGETTI, 2014, p. 30). Nesse sentido, trago atividades de filmes e recomendo leituras a respeito de figuras de sucesso que contribuíram de maneira efetiva para uma sociedade mais produtiva e feliz, como por exemplo Leonardo Da Vinci, Hipatia, Nelson Mandela, Mary Anning, etc. Após essas atividades, discutimos a importância do legado que essas pessoas deixaram, qual o impacto que um indivíduo realizado causa na sociedade de seu tempo e também nas posteriores. O escopo é instigá-los a busca interior pelos seus próprios projetos de natureza.

É fundamental recordar que nós somos uma parte, uma pequena parte, da inteligência do universo. Todos fazemos parte de um projeto extraordinário da vida. Cada um de nós não pode, na sua mínima parte, trair o particular deste projeto. Se o fizermos se

⁴ Do latim *id quod est ens*, que quer dizer: o que o ser é aqui, assim e agora. (MENEGETTI, Dicionário de Ontopsicologia, p. 130)

⁵ Do latim *in me ago* = ajo em mim. Como a forma age em mim ou em outro.

sofre. Se o fizermos, estamos fora da grande vida. Nós somos hóspedes responsáveis no planeta terra. Não somos os únicos, não somos absolutos, somos componentes do grande projeto da vida. (Meneghetti, Cultura & Educação, p. 39).

4. Considerações finais

A conclusão que chego após esses 2 breves anos de estudo da ciência ontopsicológica, e da terapia de autenticação, é de que a minha contribuição prática para o desenvolvimento dos meus alunos, passa pela minha realização pessoal.

Portanto, para ler o Em Si Ôntico e entendê-lo, é necessário primeiro ter o seu. E hoje eu dizia, quem procura a verdade já é falso. Já é falso porque significa que está procurando fora, mentiroso consigo mesmo. Está evitando a si mesmo. Procure a si mesmo, faça exato a si mesmo, faça coincidente a si mesmo e a verdade está ali. Está tudo junto. (MENEGHETTI, 2015, p. 66)

Somente enquanto faço metanoia, que “não significa mudar em referência a uma ideia específica, mas desfazer-se de todos os pontos em que alguém é fixado e permanecer transcendente no ISO” (Meneghetti, 2015, p.93), sou capaz de perceber as mensagens dadas pelo meu Em Si Ôntico, momento a momento durante as aulas e na preparação delas. Assim, vou lendo qual é a real necessidade da pessoa que está ali, do que ela precisa para se tornar mais, construir-se; e uso da minha capacidade técnica para suprir tal necessidade, provendo ao meu aluno uma aula com alto nível em termos de língua, mas também e tão importante quanto, humana. Digo humana porque me baseio no valor da ‘dignidade do homem’ explicado por MENEGHETTI: “o dever de respeito, alacridade, transcendência, superioridade que todo homem tem defronte a outro homem, ou a uma autoridade qualquer”. (Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene, p. 59).

Ao passo que vou me autenticando, vou ficando mais responsável com o meu projeto de vida, e assim, dia a dia vou levando aos meus alunos uma aula mais centrada em suas reais necessidades. Enquanto educadora tenho refletido a respeito de que:

toda descoberta, na realidade, não é uma invenção do real, mas uma correção do ponto de vista do pesquisador; é o cognoscente que corrige a si mesmo ampliando-se ao real que se dá, e aumenta a própria capacidade de conhecimento operativo sobre a datitude de todos os conhecimentos mundanos. Portanto, substancialmente, cada descoberta é uma diminuição de ignorância sobre uma realidade que é sempre a mesma. (Meneghetti, 2015, p. 89).

Ao fazer isso, não estou dando prioridade às outras pessoas, mas sim a mim mesma. Enquanto me realizo, posso dar aos outros a possibilidade de se conhecerem melhor e buscar a sua realização também. Sigo a sábia recomendação do mestre Antônio Meneghetti: “Deve-se estudar e trabalhar, porque é belo, proporciona prazer e dá uma satisfação total no interior de si mesmo; *todo grande não pode ser feliz se não souber fazer felizes os outros.*” (Arte, sonho e sociedade; p. 11)

5. Referências bibliográficas

CAROTENUTO, M. *A paideia Ôntica: dos sumérios a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2013.

MENEGHETTI, A. *Ontopsicologia Clínica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2005.

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2012.

MENEGHETTI, A. *Imagem e Inconsciente*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2012.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2014.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2014.

MENEGHETTI, A. *Nova Fronda Virescit: introdução à ontopsicologia para jovens*. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2014.

MENEGHETTI, A. *Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2015.

MENEGHETTI, A. *Campo Semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2015.